

O CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA FORMAÇÃO DE LEITORES

*THE SHORT STORIES BY CONCEIÇÃO
EVARISTO IN ELEMENTARY SCHOOL:
ISSUES OF GENDER, RACE AND CLASS
IN THE FORMATION OF READERS*

Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi **1**
Flávio Pereira Camargo **2**

Doutoranda em Letras e Linguística (Estudos Literários) no Programa
de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás **1**
(UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0820861522068079>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0231-046X>.
E-mail: izabelrosakaadi@gmail.com

Professor Associado de Literatura Brasileira da Universidade Federal **2**
de Goiás (UFG) com atuação na Graduação e no Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5015485726957185>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9116-2432>.
E-mail: flaviocamargo@ufg.br

Resumo: Esse estudo é fruto de um trabalho de conclusão de curso de Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura da Faculdade de Letras/UFG, concluído em 2020. Seu objetivo é ressaltar a importância da inserção da literatura afro-brasileira no cotidiano escolar como um instrumento necessário para despertar o interesse pela leitura literária e para a conscientização sobre o combate às diferentes formas de opressão sofridas principalmente pela mulher negra. Para tanto, é apresentada uma breve análise de três contos de Conceição Evaristo com o objetivo de ilustrar a problematização de questões femininas, de classe e raça a partir dos estudos de gênero, sobretudo o que diz respeito à mulher negra, de modo a evidenciar como a leitura crítica pode contribuir para formar leitores e leitoras mais engajados e conscientes acerca da representação de pessoas negras na literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. Conceição Evaristo. Ensino de Literatura.

Abstract: This study is the result of a final work for the Specialization course in Literary Studies and Literature Teaching at the Faculdade de Letras/UFG, concluded in 2020. Its objective is to emphasize the importance of inserting Afro-Brazilian literature into daily school life as a necessary instrument for awakening interest in literary reading and to raise awareness and combat the different forms of oppression, mainly suffered by black women. To this end, it presents a brief analysis of three short stories by Conceição Evaristo with the objective of problematizing women's issues, of class and race from the perspective of gender studies, especially those about black women, in order to show how the critical Reading can contribute to train more engaged and conscious readers about the representation of black people in Brazilian literature.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Conceição Evaristo. Literature Teaching.

Introdução

As motivações para a realização desse estudo surgiram do contato com a disciplina “O ensino de literatura em perspectiva multicultural” e das conseqüentes inquietações e indagações por ela proporcionadas sobre as práticas de leitura literária desenvolvidas em sala de aula, sobretudo considerando os alunos da segunda fase do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino no município de Aparecida de Goiânia, onde atuo como coordenadora pedagógica desde 2018.

Vale ressaltar que, de modo geral, os discentes atendidos por essa instituição são oriundos de classes materialmente desprivilegiadas e esta escola é uma dentre as poucas unidades da rede municipal a atender essa modalidade de ensino, o que gera grande procura por vagas e a conseqüente superlotação das salas de aula. Nesse contexto, as dificuldades em torno da formação de leitores se fazem muito presentes, o que nos faz refletir sobre a necessidade de questionar as relações entre leitura, escola, currículo e seu paradoxal sistema de “exclusão social”.

Apesar de inúmeras pesquisas nesse campo, ainda hoje, muitos são os questionamentos e insatisfação por parte dos professores diante do suposto desinteresse e fracasso de alguns jovens no que diz respeito ao letramento tardio e à formação deficiente desses alunos como efetivos leitores. Essa situação, de acordo com Pierre Bourdieu (2015), é mais crítica e evidente quando se trata de estudantes oriundos das camadas mais populares, o que, para o autor, carece de uma análise mais profunda em torno dos diferentes objetos e sujeitos que constituem o sistema educacional.

Paulo Freire (1989, p. 09) nos ensina que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, para o autor o ato de ler vai muito além da mera decodificação, demandando uma compreensão crítica das relações entre o texto e o contexto. Sobre essa questão, Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993, p.13) afirmam que “todos os segmentos sociais, a despeito de suas divergências internas, podem ser mobilizados para a leitura quando encontram nas obras o momento catártico, que identifica o leitor com o conteúdo expresso”.

Diante disso, esse estudo pretende mostrar como o trabalho com a literatura afro-brasileira, a partir de uma abordagem crítica do processo de leitura em sala de aula, pode contribuir para subverter e problematizar as estruturas que subalternizam, silenciam e negam determinados grupos sociais. Considerando os temas propostos por esse tipo de literatura bem como a dura realidade de muitos estudantes da rede pública de ensino, acredito que o contato com as obras selecionadas pode gerar empatia entre leitores e autores, um aspecto fundamental para fomentar o interesse pela leitura literária.

Reconhecida atualmente como uma das vozes mais potentes da luta contra as condições marginalizadas às quais a população negra, principalmente a mulher, se vê exposta diariamente, Conceição Evaristo (2009) defende a presença da literatura afro-brasileira no currículo como forma de resistência ao modo de representação da negritude na cultura hegemônica.

Partindo desses pressupostos, esse estudo apresenta, a partir dos estudos de gênero e das contribuições do feminismo negro, uma breve análise de três contos de Conceição Evaristo, cujos títulos são: “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, todos integrantes do livro *Olhos d’água*, publicado pela primeira vez em 2014 pela Editora Pallas e cujo reconhecimento rendeu à escritora, em 2015, o prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas. O tópico seguinte apresentará alguns impasses em torno da existência e afirmação de uma literatura intitulada afro-brasileira, bem como problematizará o silenciamento, a negação, a obliteração de suas produções pelo currículo escolar em favor da manutenção de um cânone geralmente branco.

Literatura afro-brasileira, currículo e identidade

Em meio às controvérsias em torno da existência de uma literatura negra ou afro-brasileira, sob a alegação de que a arte é universal ou sob a premissa de que “critérios étnicos ou identitários não devem se sobrepor ao critério da nacionalidade: ‘nossa literatura é uma só’ (DUARTE, p. 47, 2002)”, Evaristo (2009), como escritora e sujeito que reflete sobre o próprio

processo de escrita, se coloca em defesa tanto da legitimidade de uma literatura afro-brasileira quanto da presença de uma vertente negra feminina desta. Para ela, o ponto de vista veiculado pelo texto está marcado pela subjetividade de seu autor ou autora.

Eduardo de Assis Duarte (2002) afirma que, apesar de hoje presenciarmos um crescente esforço de estudiosos e pesquisadores, recuperar a história e estabelecer um *corpus* literário para a literatura afro-brasileira é ainda um grande desafio. Nesse sentido, ele destaca a ausência da disciplina literatura afro-brasileira na matriz curricular da maioria dos cursos de Letras ou, acrescentamos, em sua disponibilidade meramente enquanto matéria optativa tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, assim como a grande dificuldade em manter em circulação produções literárias como os *Cadernos Negros*, entre outras produções ligadas ao movimento negro, pois, além de estarem fora do mercado editorial, são produções voltadas para autores contemporâneos. “Com isto, permanece intacto o processo de obliteração que deixa no limbo de nossa história literária a prosa e a poesia de inúmeros autores afro-brasileiros do passado” (DUARTE, 2002, p. 48).

O referido autor salienta que, apesar desses impasses, a historiografia literária brasileira vem sendo revista de forma vigorosa e ressalta que essa revisão não se dá de modo espontâneo, sendo “motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios discursivos antes relegados ao silêncio ou, quando muito, às bordas do cânone cultural hegemônico” (DUARTE, 2002, p. 48).

Edward Said (2011), crítico literário pioneiro nos estudos pós-coloniais, reconhecido por investigar categorias e conceitos fundamentais para a compreensão do contexto histórico no qual estamos inseridos, ressalta que a literatura vem, ao longo dos séculos, exercendo um papel fundamental nos processos de exploração e dominação de determinadas culturas sobre outras.

Ele enfatiza que, apesar de serem muitos os estudos sobre as narrativas de ficção, pouquíssima atenção se dá à sua relação com a cultura imperial. Para Said (2011, p. 4), “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo”, permitindo-lhes, desse modo, reproduzir imagens e discursos que desqualificam determinados grupos étnicos. Dessa forma, as narrativas exercem um papel fundamental na manutenção de estruturas de poder e dominação, fato que justifica, segundo Said, a ampla produção e difusão de romances de países como Inglaterra e França, principais precursores do imperialismo. Said chama a atenção para uma abordagem mais atenta e crítica das narrativas, desmistificando, por vezes, a forma simplista e reducionista com que muitas culturas e grupos minoritários são representados em grande parte das obras literárias. Porém, ao mesmo tempo, “elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles” (SAID, 2011, p. 4).

Bourdieu (2015) faz muitas críticas ao sistema educacional que, historicamente, tem contribuído para perpetuar e legitimar as desigualdades sociais. Para ele, ao selecionar um conteúdo em detrimento de outro, ao privilegiar uma determinada modalidade linguística, artística ou literária, ao impor determinados padrões culturais na composição do “currículo escolar”, a escola contribui para perpetuar as desigualdades sociais à medida que ignora ou desconsidera a distribuição desigual dos bens culturais entre os membros da sociedade.

Nessa perspectiva, podemos dizer que os problemas em torno da formação de leitores nas escolas públicas brasileiras, dentre outros fatores, também dizem respeito ao modo como a escola e o currículo estão organizados, expressando os valores da cultura dominante tida como norma universal. Como resultado dessa imposição, nota-se a não identificação com as obras adotadas e o desinteresse de parte do alunado, bem como sua exclusão, do processo de letramento literário.

Ao teorizar sobre as relações entre currículo, identidade e poder, Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 195) afirma que:

As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação.

Essa forma de representação, baseada em relações de poder, se dá de maneira seletiva, privilegiando os valores e a cultura de grupos hegemônicos e promovendo o silenciamento de identidades subalternizadas.

Ainda sobre essa questão, Silva (2009) enfatiza a necessidade de um olhar crítico para contestar o currículo, de modo a transformá-lo em um instrumento de luta e de representação. Sendo assim, é fundamental questionar:

Quais grupos sociais estão representados no conhecimento corporificado no currículo? De que forma eles são descritos? Quais são as ideias de gênero, de raça, de classe, apresentadas nos diferentes textos curriculares? Quais são os sujeitos da representação contida nos textos curriculares? E quais são objetos? De quais pontos de vista são descritos e representados os diferentes grupos sociais? (SILVA, 2009, p. 200-201).

Nessa perspectiva, chama-se a atenção para a necessidade de repensar a maneira como reproduzimos o currículo hegemônico, contribuindo, mesmo que de modo inconsciente, para a reprodução das desigualdades sociais ao subalternizar, silenciar e negar a identidade de grupos minoritários.

Isso nos faz pensar que, mais do que garantir o acesso à leitura literária na educação básica, faz-se necessário que professores e alunos(as) tenham um olhar mais atento, crítico e apurado em relação a esse objeto cultural, que pode servir tanto para a manutenção quanto para a contestação e resistência às estruturas de poder e dominação, ainda tão amplamente difundidas pela cultura.

Evaristo (2009) afirma que a literatura afro-brasileira vem se destacando na medida em que rompe com os modos estereotipados de representação do negro e do mestiço na literatura brasileira, abrindo maior espaço para que vozes há muito tempo silenciadas pelo discurso hegemônico possam falar por si, a partir de suas vivências e experiências.

A autora questiona o modo de representação da mulher negra que tem vigorado na literatura tida como canônica a partir da ótica dos grupos detentores do poder, sendo tal representação um modo de ignorar ou menosprezar o papel da mulher negra na formação do povo brasileiro. Para a autora,

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor (EVARISTO, 2009, p. 23).

Dessa forma, ela considera importante refletir sobre o viés ideológico contido, por exemplo, na não representação materna da mulher negra na literatura brasileira.

Ao mencionar autores como Gregório de Matos e José de Alencar, Evaristo (2009) denuncia o tratamento reservado à imagem dos negros na literatura brasileira, ora ridicularizando-os, sobretudo as mulheres negras, tratadas sempre como motivo de escárnio ou apelo sexual (no caso de Gregório de Matos, o Boca do Inferno, poeta do Brasil Colônia), ora promovendo sua invisibilidade, negando à mulher negra seu papel na formação do povo brasileiro, ao romantizar e idealizar sua origem mestiça, tal qual ocorre em obras literárias como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), que enaltecem a fusão da cultura indígena com a europeia, “desconsiderando, assim, a presença do sangue africano na formação de nossa gente” (EVARISTO, 2005, p. 53).

A autora ressalta, enfim, a importância da voz feminina negra na escrita do texto literário, pois, ao sair da subalternidade e dar visibilidade à mulher negra e suas vivências, tal produção se torna um importante instrumento no combate às estruturas de poder existentes em nossa sociedade. É a partir da escrevivência, conceito cunhado pela própria autora, que muitas escritoras negras se inspiram para escrever sobre sua realidade, sobre a luta diária pela sobrevivência. Desse modo,

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento (EVARISTO, 2009, p. 28).

Sobre os problemas em torno da leitura em uma “sociedade desigual”, Aguiar e Bordini (1993, p.13) ressaltam a importância de um pluralismo cultural, o que se traduz na “oferta de textos vários, que deem conta das diferentes representações sociais”.

Por estes motivos, acredito que a inserção da literatura afro-brasileira no cotidiano escolar pode romper com os discursos que, historicamente, vêm produzindo uma imagem estereotipada da mulher negra. Ao apresentar textos que, de fato, representem a subjetividade da mulher negra, valorizando suas raízes, suas lutas, suas vivências, a literatura afro-brasileira feminina muito pode contribuir para a formação de sujeitos mais críticos e conscientes acerca das pautas raciais e de gênero.

No intuito de contribuir para uma abordagem mais engajada da leitura de contos na segunda fase do Ensino Fundamental, farei, a seguir, a partir dos estudos de gênero interseccionados com as questões de raça e classe, os quais colocam a mulher negra em destaque, uma breve análise dos contos “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, integrantes do livro *Olhos d’água*.

Importante ressaltar que não tenho por objetivo apresentar uma sequência didática de abordagem dos contos selecionados, e sim uma análise crítica deles como uma possibilidade de leitura em sala de aula.

Breve análise dos contos “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

O principal critério para a seleção dessas narrativas se deu a partir da evidência de uma escrita que ressalta de forma verossímil e poética as vivências do povo negro, sobretudo da mulher negra, na sociedade brasileira atual, partindo de um ponto de vista de quem fala por si e pelo seu povo, de quem sofreu ou presenciou as diversas formas de opressão que acometem essa parcela da população. Representando e denunciando a violência, a marginalização da identidade feminina negra e o processo de exclusão social ao qual as afrodescendentes vêm sendo submetidas há tempos em nossa sociedade, essas histórias evidenciam e valorizam aspectos da cultura negra, bem como apresentam uma possibilidade esperançosa ao vislumbrar, por meio das personagens, uma outra realidade, um futuro com mais igualdade e justiça social.

No conto “*Olhos d’água*”, nos deparamos com uma narradora inquieta e aflita com o fato de não recordar a cor dos olhos de sua mãe. Num diálogo dela consigo na tentativa de resgatar suas memórias, é notável o sentimento de admiração, respeito e cumplicidade entre filha e mãe. Vale destacar aqui a importância dada à memória, um elemento que será recorrente nas narrativas de Conceição Evaristo. Por meio desse recurso, entram em cena os laços, afetos, sentimento de admiração, respeito e cumplicidade entre as personagens, como se vê no trecho a seguir: “Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias” (EVARISTO, 2016, p. 16).

Mesmo partindo de histórias de dor e sofrimento, como podemos ver no fragmento a seguir, “lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento (EVARISTO, 2016, p. 16)”, a autora constrói nesse conto uma imagem positiva da mulher negra, com uma linguagem que a valoriza, ressaltando, por exemplo, o cabelo crespo a partir de outro olhar, um olhar que foge dos estereótipos construídos culturalmente. Isso é perceptível quando a narradora descreve algumas características físicas de sua mãe, recordando-se:

[...] da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela...”, ou quando relata uma brincadeira comum em sua infância, quando a mãe é tida como uma “boneca negra para

as filhas” (EVARISTO, 2016, p. 16).

Joice Berth (2019) fala do constrangimento sofrido pelas mulheres negras que, desde a infância, têm o cabelo como um fardo difícil de carregar, pois, seja qual for a escolha estética ou os cuidados que temos com nossos cabelos,

[...] os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de ressignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra (BERTH, 2019, p. 116).

Considerando a estética como um dos pilares do empoderamento da mulher negra, a autora ressalta a importância de movimentos e narrativas que enaltecem o cabelo crespo, assim como a cor da pele e outros traços fenotípicos como forma de enfrentamento ao racismo. Desse modo, é fundamental que as mulheres negras amem e tenham orgulho de seus cabelos, gerando uma imagem positiva de si mesmas, colocando em prática a autodefinição, conceito defendido por Patricia Hill Collins, para desconstruir e desnaturalizar a imagem de pessoas negras construída historicamente pelo discurso hegemônico.

O conto “Olhos d’água” aborda de forma simples e poética, por meio de memórias, elementos da cultura africana, tais como: a contação de histórias, a música, a dança, a valorização da ancestralidade e do sagrado. Podemos constatar isso na descoberta da narradora, quando, na alegria do reencontro, descreve de que cor eram os olhos de sua mãe:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

Ao revelar na sua escrita a subjetividade, a força, as dificuldades, os anseios e a feminilidade da mulher negra, Conceição Evaristo, marcada por sua autocondição, rompe com uma produção literária que, há tempos, apresenta uma visão reducionista e estereotipada do ser mulher negra na sociedade brasileira. Sua escrita representa assim, um valioso instrumento de conscientização e emancipação.

No conto “Maria”, temos novamente como protagonista uma mulher negra, pobre, mãe solo, que diariamente luta para sobreviver e para cuidar dos seus filhos. Logo no início da narrativa, nos chocamos ao perceber a dimensão da opressão sofrida por Maria, que, após mais um dia de trabalho árduo, enfrenta a dificuldade de retornar para casa, feliz, apesar de tudo:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço (EVARISTO, 2016, p. 40).

Após muito esperar, a personagem entra em um ônibus e, inesperadamente, se depara com seu ex-companheiro e pai de um de seus filhos, com quem, por um tempo, dividiu um passado de dores e sonhos. A personagem é então tomada por um misto de sentimentos entre saudades, mágoas e a frustração pelo destino que a vida lhe reservara. E, mesmo diante de tamanha desilusão, não deixava de vislumbrar uma vida melhor para seus filhos: “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2016, p. 40).

O conto nos coloca diante de uma dura realidade vivida por muitas mulheres negras na sociedade brasileira, que, por sua condição, sendo *o Outro do Outro* na definição de Grada Kilomba (2012), sofrem a combinação de opressões de raça, classe e gênero, ocupando uma posição de inferioridade ainda mais marcada na hierarquia social.

Essa combinação de opressões se apresenta de maneira mais evidente no momento em que Maria é condenada por seus pares após seu ex-companheiro e outros homens darem voz de assalto no ônibus em que seguiam. Vejamos:

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois (EVARISTO, 2016, p. 41).

Vale destacar que as vozes que acusam Maria são majoritariamente masculinas, sendo que uma delas é de um rapaz descrito no conto como negro, magro, o qual guardava semelhanças com a fisionomia de seu filho, revelando que a opressão de gênero é praticada mesmo por aqueles que também sofrem, porém de outra perspectiva, a violência causada pela opressão de classe e raça.

Percebe-se que a protagonista representa aqui um contingente de mulheres negras que são tratadas diariamente com profundo descaso e desrespeito, a partir de uma visão estereotipada de sua existência e identidade.

Nesse sentido, a luta do feminismo negro por maior representatividade e pela problematização acerca da situação de inferioridade a que são destinadas essas mulheres, não só é digna como se legitima pela sua coerência frente a uma realidade de exclusão e violência. Berth (2019), ao abordar a ressignificação do feminismo negro, partindo de considerações de autores como Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde e Sueli Carneiro, entre outras, afirma que:

[...] não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se inter-relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos (BERTH, 2019, p. 103).

conto “Maria” apresenta um enredo cujo desdobramento é tenso, impactante e comovente por mostrar uma realidade cruel, desumana e vexatória à qual as mulheres negras estão expostas. Para Conceição Evaristo, lembrar o vivido, mesmo sendo histórias de dor e sofrimento, é também uma forma de celebrar a luta e a resistência. Nesse sentido, acredito que seja fundamental levar esse tipo de narrativa para a sala de aula de modo a promover diálogos que abram espaço para a desconstrução de preconceitos e comportamentos que normalizem as opressões vividas pela mulher negra hoje, denunciando as condições sociais que geram essas opressões com o intuito de construirmos uma sociedade em que haja mais igualdade e oportunidades para todas as pessoas.

Para concluir a análise proposta, considero então o último conto, que revela de forma fidedigna e a partir de uma tessitura poética, a situação de várias mulheres negras no Brasil. Seu título é: “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, ele tem como protagonista a menina Zaíta, irmã gêmea de Naíta, a qual é caracterizada pela narradora do seguinte modo: “Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, de mistérios e de sofrimento” (EVARISTO, 2016, p. 72).

A menina nos é apresentada envolvida na busca desesperada por uma figurinha, cujo sumiço levanta fortes suspeitas sobre a irmã. O cenário é construído de modo a explicitar as precárias condições em que ela e sua família vivem, a começar pela simples descrição dos brinquedos que faziam parte de um acervo valioso para essas crianças. Vejamos:

Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. No dia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite, dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã, foram para a escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? (EVARISTO, 2016, p. 72).

Outras referências às dificuldades financeiras enfrentadas pela família de Zaíta são reveladas no texto pela postura da mãe quando as meninas causavam desordem: “Ela ficava brava quando isso acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo” (EVARISTO, 2016, p. 72).

Além da pobreza e desconforto vivenciados no cotidiano da favela, a menina e sua família viviam em uma situação de vulnerabilidade, insegurança e medo, como podemos notar: “De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois, escutou os passos apressados do irmão que entrava” (EVARISTO, 2016, p. 73). Esse acontecimento é precedido no dia seguinte da saída corajosa de Zaíta, em sua inocência de menina, às ruelas da favela em busca de sua “figurinha-flor”, colocando-se dessa forma sem saber, em grande risco.

Contextualizando o enredo à nossa realidade, é fato que diariamente e numa crescente, temos nos deparado com notícias envolvendo a morte de pessoas negras, sobretudo quando se trata de bala perdida em favelas, o que geralmente é fruto do despreparo e da violência policial. Nem crianças como a menina Zaíta escapam dessas aterrorizantes ocorrências.

Pesquisas recentes, como as que serão expostas a seguir, revelam um quadro assustador no que diz respeito ao aumento dos índices de violência sofrida pela população negra em nosso país, demonstrando como as raízes do racismo permanecem vivas até os dias de hoje.

De acordo com o Atlas da Violência de 2018, a taxa de homicídio de mulheres negras “foi 71% superior à de mulheres não negras”. Outra pesquisa realizada pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR) e pelo Senado Federal, revela que 56% da população brasileira concorda com a seguinte afirmação: “a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco”. Dados da Anistia Internacional afirmam que “dos 30 mil jovens vítimas de homicídio por ano, 77 são negros” (RIBEIRO, 2018, p. 102).

Diante desses dados alarmantes e do enredo representado na obra literária, o questionamento proposto por Djamila Ribeiro se torna muito pertinente: “Vidas negras importam ou a comoção é seletiva?” (2018, p. 102). A filósofa critica a banalização e naturalização da morte de negros em nosso país, bem como a falta de comoção de grande parte da população brasileira diante das mazelas sofridas cotidianamente por seu próprio povo.

Retomando o conto, ele nos apresenta ainda outro drama vivido diariamente por esses grupos oprimidos pela violência e pela pobreza, abandonados pelo poder público e condenados a viver em situações de extrema subalternidade. Esse drama se traduz no convívio com o tráfico de drogas, que, infelizmente, é encarado por muitos jovens como uma opção sedutora de ascensão em meio a um mundo repleto de desigualdade e falta de oportunidades. Assim, o irmão de Zaíta, diante da desilusão e da falta de perspectivas de mudança de status social por meio de um trabalho considerado “digno” por muitos,

Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno, ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando (EVARISTO, 2016, p. 73-74).

Em meio a um confronto entre traficantes e policiais, infelizmente uma triste realidade paras as comunidades que vivem em favelas, a menina Zaíta acabou tendo sua busca, seus sonhos e sua vida interrompidos:

Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou. [...] Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! (EVARISTO, 2016, p. 76)

O trágico desfecho da narrativa nos leva a refletir a partir do drama vivido pelas personagens, o quão difícil é a vida da mulher negra pertencente às classes materialmente desprivilegiadas em nosso país, abandonada ao caos, à violência e ao descaso do Estado.

Considerações Finais

As discussões e reflexões propostas nesse estudo procuraram mostrar a importância de um olhar crítico e atento ao histórico apagamento que há no currículo escolar em relação à produção literária afro-brasileira.

A partir de textos esteticamente muito bem elaborados, ao dar voz e visibilidade à mulher negra, a produção literária de Conceição Evaristo rompe com imagens e discursos reducionistas que a desqualificam, contribuindo assim para a afirmação positiva da identidade dessa mulher em nossa sociedade. Ao colocar em questão as mazelas enfrentadas pela população negra, sobretudo pelas mulheres negras, seus textos contribuem para a reflexão em torno das condições históricas e sociais que sustentam as opressões de gênero, classe e raça, desmistificando assim, o mito da democracia racial ainda vigente em nosso país. Ao se desvencilhar do modo estereotipado pelo qual a mulher negra vem sendo representada historicamente na literatura brasileira, sua escrita se configura como um ato de insubordinação ao discurso hegemônico, portanto, um ato político. Por esses motivos, a leitura dessa e de outras obras dessa autora se torna um instrumento relevante para a conscientização e emancipação dos estudantes quanto aos temas abordados, bem como para o despertar do interesse pelas práticas de leitura literária.

Sendo assim, a inserção de literatura afro-brasileira dessa envergadura no currículo escolar pode provocar fissuras, questionamentos e novos olhares sobre os modos de fazer a educação, bem como enaltece esses autores, suas obras e o compromisso social por eles assumido ao contribuir com a discussão acerca das opressões de raça, classe e gênero sofridas por grupos socialmente minoritários.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Tradução de Aparecida Joly Gouveia.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.) **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a literatura brasileira afrodescendente. In: SCAPELLI, Marli Fantine (Org.). **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: UFMG/ FALE: pós-lit., 2002, p. 47- 61.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autorrepresentação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. In: **Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira**. Ano I – numero1, p. 52-57, agosto, 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: **Scripta**, v. 13, nº 25, p. 17-31, jul.- dez. 2009.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO. **Dossiê Mulher/2018**. 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/dossie-mulher-2018-isp-rj-2018/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ONU BRASIL. **ONU Brasil lança campanha pelo fim da violência contra a juventude negra**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-brasil-lanca-campanha-pelo-fim-violencia-contrajuventude-negra/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018**.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Recebido em 14 de abril de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.